

Ele caminhava praticamente ao lado dela, estava a dois passos. Ela não olhou para trás. Disse: “Não falo contigo.”

“Compreendo perfeitamente.”

“Se compreendesses perfeitamente, não me seguirias.”

Ele disse: “Quando um rapaz convida uma rapariga para jantar, tem de a acompanhar a casa.”

“Não, não tem. Sobretudo se ela o mandar embora e lhe pedir para a deixar em paz.”

“Não tenho culpa de ter sido educado assim”, respondeu ele. Mas atravessou a rua e acompanhou-a do outro lado. Quando estavam a um quarteirão da casa dela, atravessou outra vez. Disse: “Mas quero pedir desculpa.”

“Não quero ouvir. E nem te incomodes a tentar explicar.”

“Obrigado. Isto é, prefiro não tentar. Se não te importares.”

“Importo-me com tudo. Isso está fora de questão nesta conversa.” Ainda assim, falava com voz suave.

“Compreendo, claro. Mas não consigo propriamente conformar-me.”

Ela disse: “Nunca senti tanta vergonha. Nunca na vida.”

Ele disse: “Bem, não me conheces há muito tempo.”

Ela parou. “Agora tem piada. É engraçado.”

Ele disse: “Tenho esse problema. Rio-me das coisas erradas. Acho que já te tinha falado disso.”

“E, além do mais, de onde é que tu saíste? Eu estava simplesmente a andar e de repente apareceste atrás de mim.”

“Sim, desculpa ter-te assustado.”

“Não, não assustaste. Sabia que eras tu. Nenhum ladrão é tão sorrateiro. Provavelmente estavas escondido atrás de uma árvore. Ou outra palermice assim.”

“Bem”, disse ele, “de qualquer modo, certifiquei-me de que chegavas a casa em segurança.” Pegou na carteira e tirou uma nota de cinco dólares.

“E agora que é isto?! Entregas-me dinheiro à porta da minha casa? O que vão as pessoas pensar? Queres dar cabo da minha vida!”

Ele guardou o dinheiro e a carteira. “Não pensei bem. Só não queria que achasses que não tencionava pagar a conta. Sei que deves pensar isso. É que eu tinha realmente o dinheiro, percebes? Era isso que queria explicar.”

Ela abanou a cabeça. “E eu a raspar o fundo da bolsa, à procura de trocos para pagar as costeletas de porco que não comemos. Fiquei a dever vinte cêntimos.”

“Bem, eu faço-te chegar o dinheiro. Discretamente. Dentro de um livro ou coisa do género. Tenho aqueles teus livros.” Acrescentou: “Foi uma noite muito agradável, antes da última parte. Tivemos uma má hora em três. Foi um pequeno empréstimo a título pessoal, rapidamente saldado. Talvez amanhã.”

Ela disse: “Parece-me que achas que vou continuar a tolerar-te!”

“Não propriamente. Ninguém faz isso, em geral. Não vou pensar mal de ti. Sei como as coisas são.” Acrescentou: “A tua voz continua suave mesmo quando estás zangada. Isso é invulgar.”

“Ensinarão-me que não se deve discutir na rua.”

“Falava de outro tipo de suavidade.” Acrescentou: “Tenho alguns minutos. Se quiseres discutir em privado.”

“Estás a fazer-te de convidado? Bem, não há nada a discutir. Vai para casa, ou lá para onde vais. Estou farta disto, o que quer que isto seja. Tu só dás problemas.”

Ele concordou com a cabeça. “Nunca disse que não era assim. Ou, pelo menos, raramente disse.”

“Isso é verdade.”

Ficaram ali durante um minuto.

Ele disse: “Sonhei muito com esta noite. Não quero que acabe.”

“Apesar de eu estar furiosa contigo.”

Ele confirmou com a cabeça. “Por isso é que não posso ir-me embora. Não voltarei a ver-te. Mas estás aqui agora...”

Ela disse: “Nunca teria imaginado que me envergonharias assim. Ainda me custa acreditar.”

“Acredita, na altura pareceu-me a melhor solução.”

“Pensei que eras um cavalheiro. Isto é, mais ou menos.”

“Em geral, sou. Na maioria das situações. Levo isso muito a sério, na maioria das vezes.”

“Bem, a minha porta é esta. Já podes ir.”

“É verdade. Assim farei. Só me está a custar um bocadinho. Dá-me alguns minutos. Quando entrares, provavelmente vou-me embora.”

“Se aparecer algum branco, de certeza que desapareces logo.

Ele recuou um passo. “O quê? Achas que foi isso que aconteceu?”

“Eu vi-os, Jack. Aqueles homens. Não sou cega. Nem estúpida.”

Ele disse: “Nem sei por que razão ainda falas comigo.”

“Eu própria gostaria de saber.”

“Eram cobradores de dívidas. Podem ser bastante agressivos. Não posso arriscar uma alteração, percebes? Por causa da última, ia passando trinta dias na prisão. Isso é que teria sido uma vergonha para ti, talvez ainda maior.”

“És qualquer coisa!”

“Talvez”, disse ele, “mas não sou... Ainda bem que me contaste. Podias ter ficado a pensar... Não queria que tu...”

“A verdade não é muito melhor, sabes... Aliás...”

“Olha que é. Sem dúvida alguma.”

“Portanto, esperas que te perdoe porque ainda podias ter feito pior.”

“Bem, é um bom argumento, não é? Quer dizer, sinto-me muito melhor pelo facto de termos esclarecido a situação. Imagina como seria diferente se me tivesse ido embora há dez minutos. Nesse caso é que nunca mais voltaria a ver-te.”

“Mas quem te disse que me voltarás a ver?”

Ele acenou com a cabeça. “É inevitável pensar que tenho mais hipóteses.”

“É possível, se eu decidir acreditar em ti. Mas também posso não acreditar.”

“Deves mesmo acreditar”, disse ele. “Que mal faria? Podes sempre desligar-me o telefone na cara se eu ligar. Devolver as minhas cartas. Não faria diferença. Mas evitarias pensamentos desagradáveis sobre o modo como passaste algumas horas há duas semanas. Sobre a noite maravilhosa que queríamos ter. Podes pelo menos perdoar-me isso.”

“Perdoar a mim mesma”, disse ela. “Por ser tão tola.”

“Também podes pensar assim.”

Ela virou-se para o encarar. “Não te rias disto, de nada disto, nunca”, disse. “Parece-me que achas engraçado. E, se estás a tentar convencer-me, não está a resultar.”

“Não funciona. Sei tão bem! É uma espécie de reação química espontânea. Quando há contacto entre o Jack Boughton e... o ar. Como acontece com os fósforos, percebes? Mas sem chama a sério, claro. É mais uma fosforescência. Um rubor de vergonha em torno de todas as coisas. Não há como esconder. Acho que a entropia devia ter um nimbo...”

“Pára de falar”, disse ela.

“É dos nervos.”

“Eu sei que é.”

“Não liguês.”

“Dás-me cá uma pena!”

Ele riu-se. “Só continuo a falar para te obrigar a ficares aqui a ouvir. Podes ter a certeza de que não quero que sintas pena.”

“Não, agora estás a dizer a verdade. É pena. Nunca conheci um homem branco que se aproveitasse tão pouco desse estatuto.”

“Traz algumas vantagens, até para mim. Partem do princípio de que sei quantas bolhas há numa barra de sabão¹. Já tive a honra de ajudar a transformar tipos duvidosos em altos dignitários. Já...”

“Pára”, disse ela. “Pára, pára. Tenho de falar sobre a Declaração da Independência na segunda-feira. Não há nada de engraçado nisso.”

“É verdade. Nada.” Acrescentou: “Agora vou dizer uma grande verdade, menina Della. Por isso, presta atenção. Não acontece todos os dias.” Declarou então: “É absurdo que a filha de um pregador, uma professora de liceu, uma rapariga com excelentes perspetivas na vida, ande por aí com um vagabundo inveterado e sem emenda. Por isso, vou deixar-te em paz. Não voltarás a ver-me.” Afastou-se um passo.

Ela olhou para ele. “Tu é que estás a mandar-me embora? Como é possível? Eu já me tinha despedido, só continuei aqui porque me obrigaste a ouvir os teus disparates durante tanto tempo, que até me esqueci do que tinha dito.”

“Desculpa”, disse ele. “Percebo o teu ponto de vista. Mas estava a tentar comportar-me como um cavalheiro. Como se um cavalheiro alguma vez pudesse estar nesta situação. Posso custar-te tudo sem te dar nada em troca. Isso é óbvio. Despeço-me para te mostrar que sei como as coisas são. Na realidade, faço-te uma promessa e vou cumpri-la. Vais ficar impressionada.”

Ela disse: “Os livros que levaste emprestados.”

“Deixá-los-ei aqui amanhã. Ou pouco depois. Juntamente com o dinheiro que te devo.”

“Não os quero. Espera, se calhar quero. Imagino que tenhas feito apontamentos.”

“Só a lápis. Vou apagar.”

“Não, não vale a pena. Eu trato disso.”

“Sim, percebo que seja um prazer.”

“Bem”, disse ela. “Eu já me despedi de ti. E tu também já te despediste de mim. Podes ir.”

“E tu podes entrar.”

“Logo que te vás embora.”

Riram-se.

Pouco depois, ele disse: “Vais ver. Vou conseguir.” Levantou o chapéu e foi-se embora com as mãos nos bolsos. Se chegou a olhar para trás, isso só aconteceu depois de ela entrar e fechar a porta.

Uma semana depois, quando regressou da escola, ela encontrou no degrau de entrada o *Hamlet* em falta. Tinha dois dólares lá dentro e qualquer coisa escrita a lápis na guarda da capa.

Tivesse eu alguma coisa boa, uma só que fosse

Essa graça recairia sobre ti, agridoce.

Tivesse eu uma só oração na vida

Por ti seria, minha querida.

Tivesse o meu coração uma corda intacta

sonata serenata serenata cascata tocata²

Oh, não sou bom com números!

Devo-te um dólar. E um livro.

Até qualquer dia!

Embaraçoso. Precisamente a última pessoa do mundo que esperava encontrar ali. Inacreditável. Quase um ano depois. Apagou o cigarro contra a lápide. Teve algum cuidado, não o inutilizou totalmente. Não serviu de nada. Deve ter sido o cheiro a fumo que a fez parar e olhar em redor, olhar para ele. Se tentasse esgueirar-se, só lhe causaria mais medo, portanto mais valia falar com ela. Della. Lá estava ela, no arruamento, no limiar da luz, a olhar para ele. Naquela imobilidade, ele captou uma hesitação que queria dizer que ela continuava ali por causa da incerteza, indecisa sobre ir-se embora, por não saber se era ele ou só alguém parecido; reprimia o impulso de fugir mesmo que aquela pessoa, que podia ser ele, lhe parecesse ameaçadora ou estranha. Convenhamos que não há dúvida de que ele era estranho, a vaguear por um cemitério no escuro da noite. Ela, no entanto, poderia estar ali parada na esperança de que fosse mesmo ele, à espera de qualquer coisa como uma confirmação, por isso levantou o chapéu e disse: “Boa noite, menina Miles, se não me engano.” Ela levou a mão à cara, como que para se recompor.

“Sim”, respondeu. “Boa noite.” Falou com voz chorosa.

Por isso, ele respondeu: “Jack Boughton.”

Ela riu-se, com riso choroso. “Claro. Quer dizer. Pareceu-me que eras tu. Está tão escuro, que não tinha a certeza. Olhar para a escuridão torna-a mais escura. É mais difícil ver. Não percebi que tinham fechado os portões. Nem me ocorreu que isso poderia acontecer.”

“Sim. Depende do sítio onde se está, a escuridão. É relativa. Os meus olhos estão habituados. Talvez isso torne a luz relativa, não é?” Embaraçoso. Tentava parecer inteligente, visto que de manhã não fizera a barba e tinha a gravata enrolada no bolso.

Ela disse que sim com a cabeça e olhou para o arruamento em frente, ainda indecisa.